

MORIN, Edgar. **O método 6 - Ética**. 3. ed. Tradução de Juremir Machado de da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2007. 222 p.

## **Ética**

Ethics

*Antonio Marcos da Conceição Uchoa<sup>1</sup>*

*Elizeu de Souza<sup>2</sup>*

*Iaponira da Silva Rodrigues<sup>3</sup>*

*Marcos Torres Carneiro<sup>4</sup>*

A resenha, que ora apresentamos, refere-se, em linhas gerais, à última parte de *O Método*, obra em seis volumes, desenvolvida por Edgar Morin ao longo de quase trinta anos. O livro, cujo título é *O método 6 – Ética*, focaliza, de modo exclusivo, um tema relevante na obra e na vida desse autor.

Edgar Morin, cujo nome de batismo é Edgar Nahoum, nasceu em Paris, no dia oito de julho de 1921. Filho de Luna Beressi e de Vidal Nahoum. Sua história de vida, desde a infância, foi marcada por experiências dolorosas, o que lhe possibilitaram a construir uma visão de mundo voltada para compreender a miséria humana e o que fazer para construir uma sociedade melhor, mais humanizada.

Foi um dos precursores no estudo do fenômeno da complexidade (o pensamento complexo). Dedicou toda a sua vida a pesquisar essa área do conhecimento humano. Escreveu seu primeiro livro aos 25 anos, intitulado *El año cero de Alemanha* (1946). Desde então, muitos livros foram escritos, dentre eles, os seguintes: *O paradigma perdido: a natureza humana* (1973), *A unidade do homem* (1974), *O Método I – A natureza da natureza* (1977), *O Método II – A vida da vida* (1980), *Ciência com consciência* (1982), *Sociologia – A sociologia do microssocial ao macroplanetário* (1984), *O problema epistemológico da complexidade*

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). [auchoa3@yahoo.com.br](mailto:auchoa3@yahoo.com.br).

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional do IFRN. [elizeudesouza7@gmail.com](mailto:elizeudesouza7@gmail.com).

<sup>3</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional do IFRN. [iaponyra@hotmail.com](mailto:iaponyra@hotmail.com).

<sup>4</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional do IFRN. [torres-carneiro@ig.com.br](mailto:torres-carneiro@ig.com.br).

(1985), O Método III – O conhecimento do conhecimento (1986), Introdução ao pensamento complexo (1990), O Método IV – As ideias (1991), A cabeça bem-feita (1999), Os sete saberes necessários para a educação do futuro (2000), O Método V – A humanidade da humanidade: A identidade humana (2001), Educar na era planetária (2002), O Método VI – A Ética (2004).

O livro resenhado se divide em cinco partes, juntamente com dois textos finais, que o autor os denomina de “conclusões éticas”.

A primeira parte, intitulada O pensamento da ética e a ética do pensamento, compreende uma reflexão geral sobre ética inserida no contexto da complexidade. Nessa parte, o autor discorre sobre o significado de ética, mostrando sua abrangência universal, que excede a concepção tradicional do tema.

Morin diz que a ética é “uma exigência moral”, que está no coração do ser humano. Ela origina-se em fonte individual, no espírito do homem, como também em fonte externa que tem a ver com a cultura humana. Segundo o autor, além dessas duas fontes, há uma outra, que se refere à origem da constituição dos seres vivos, “originária da organização viva, transmitida geneticamente.” (p. 19).

Morin trata de uma concepção de ética que vai além das éticas desenvolvidas na sociedade humana. Uma ética que está vinculada ao cosmos: “a vida surgiu com uma vitória inusitada das virtudes da religião.” (p.32). É preciso, na visão deste autor, assumir nosso destino cósmico, físico, biológico.

A segunda parte (Ética, ciência, política), trata da interferência da ética complexa nos contextos da ciência e da política.

A ciência que não leva em conta a ética complexa não prioriza a consciência moral, não valoriza o ser humano como sujeito. A ciência clássica, ainda vigente no mundo atual, comporta a desarticulação do conhecimento, o que contribui para a construção da injustiça, para a ausência de solidariedade. Segundo o autor, “a hiperespecialização disciplinar das ciências humanas desintegra a noção de homem.” (p.72). Por isso, é necessária uma reforma do pensamento.

Em política, é imprescindível um novo olhar ético. Compreensão, tolerância, rejeição da moralina (falsa moral), magnanimidade, clemência e perdão, todos esses componentes da ética complexa, deve impregnar o seio da política.

Na terceira parte (Autoética) discorre sobre a relevância da ética complexa na dimensão individual.

Esse aspecto da ética complexa compreende o “pensar bem”, mas também o “pensar-se bem”, que é a autoanálise. “O trabalho de introspecção é extremamente difícil” (p. 94), afirma Morin. A pessoa humana não é exercitada a sondar seus próprios erros, alimenta-se da ilusão, tende “para a autojustificação que sempre transfere para o outro o erro ou a falha.” (p. 94).

Morin evidencia o tema da compreensão humana como vital na construção do pensar bem. Segundo ele, a compreensão complexa engloba dois outros tipos de compreensão: a objetiva, que comporta a explicação, e a subjetiva, que vai além da explicação, porque trata do ser, da emoção, do sentimento.

Vinculado à compreensão está o perdão. Segundo o autor, perdoar é apostar no outro, sabendo que pode não acontecer o que se gostaria que acontecesse. É “um desafio ético.” (p. 127). Essa condição de aposta se dá porque a pessoa humana é mutável, imprevisível: pode melhorar, mas também pode piorar.

Ainda nessa parte, Morin aponta a literatura, a poesia e a sabedoria como fatores preponderantes no exercício da compreensão e do perdão. Para esse autor, “viver de prosa não passa de sobrevivência. Viver é viver poeticamente.” (p. 138).

Na parte seguinte (Sócio-ética), trata da ética voltada para a comunidade. No exercício da ética voltada para o social, os seres humanos se conscientizam do valor do grupo e avançam em maturidade a ponto de considerar todo planeta Terra como pátria de todos e que deve ser cuidado por todos, independe de nacionalidade.

A quinta parte trata da Antropoética. Morin deixa claro em sua reflexão que a autoética é o fundamento para que as outras éticas possam amadurecer. Assim, a antropoética só pode ser estabelecida de modo consistente se a pessoa humana compreender o valor da ética individual –, a autoética.

A antropológica conduz a pessoa a ter uma visão ampla de sociedade. A pessoa extrapola a comunidade local, a sociedade nacional e passa a conceber uma organização planetária.

Para construir um pensar ético planetário, faz-se necessário percorrer um caminho de regeneração, o que Morin vai denominar de “vias regeneradoras” (p. 168-178), que são reformas imprescindíveis para a felicidade de todas as pessoas humanas em todo o planeta. O autor começa afirmando que é necessário que se faça uma reforma/transformação da sociedade. Argumenta ele que

[...] se trata de promover uma política de civilização que militaria contra a atomização e a compartimentação dos indivíduos, restauraria responsabilidades e solidariedade, reduziria a hegemonia do cálculo e do quantitativo em benefício da qualidade de vida [...]. (p. 170).

Dessa forma, se pensaria mais na condição humana e se evitaria de ter como pensamento hegemônico o lucro desenfreado. Seria construída uma sociedade-mundo onde a economia seria solidária e o comércio justo.

Outra reforma seria a do espírito, da educação. Segundo Morin, a reforma do espírito é por demais necessária e fundamenta todas as outras (p. 170). Há também a reforma da vida, daí ser pertinente pensar de modo poético e não meramente de maneira prosaica. Para haver uma reforma da vida, se faz necessário uma reforma da moral, não no sentido tradicional do termo, mas num enfoque universal, de conscientização ética planetária.

Por fim, o livro termina com o que Morin chama de “conclusões éticas”. Na primeira delas, o autor discorre sobre o mal que faz parte da natureza e da condição humana. Há um mal inerente à natureza. A ordem e a desordem. Há vida e morte. No cosmos, estrelas nascem e são destruídas.

Há um outro mal que diz respeito ao relacionamento entre as pessoas humanas. A humanidade do mal, como chama Morin. Mas esse mal não é natural como o que existe na natureza e que é necessário para o equilíbrio dela. É um mal adverso, maligno, perverso. “Há um mal propriamente humano que é o mal praticado voluntariamente por um ser humano

contra outro ser humano.” (p.189). Esse tipo de mal é o que não pode ser aceito pela ética complexa.

A conclusão final refere-se ao bem. Um bem ético, que tem a ver com o pensamento complexo. Um bem que se ocorre na relação entre os seres humanos. Um bem que deve ser buscado de modo esperançoso, não se sabendo se haverá sucesso nessa empreitada.

Morin afirma que a ética complexa é una e múltipla ao mesmo tempo. “Unifica no seu tronco comum e diversifica nos seus ramos distintos, auto-ética, sócio-ética, antropológica. Nessa unidade/pluralidade, a ética complexa ordena que assumamos eticamente a condição humana.” (p. 195).

Morin, na construção de *O Método*, deixa por último o estudo sobre a ética, como se quisesse dizer que toda a reforma do pensamento, que tem como finalidade a construção de uma sociedade solidária e humanizada, necessariamente requer uma compreensão avançada do significado da ética, que ultrapassa a dimensão meramente cultural.

Dessa forma, ler o último volume de *O Método*, motivo da presente resenha, constitui leitura obrigatória para todos os que querem trilhar o caminho – vias regeneradoras (p. 168) – da transformação social que visa à justiça, à compreensão mútua e à solidariedade planetária.

Resenha recebida em 18 de dezembro de 2013. Aprovada em 31 de dezembro de 2013.